

"Ecce Homo!"



Samyr Cruz

NOTA AO LEITOR

O título deste texto, cuja tradução do latim significa “*assim é o homem*” ou “*eis o homem*”, refere-se às palavras ditas, segundo o evangelho, por Pôncio Pilatos ao apresentar Jesus aos judeus em seu fatídico julgamento. Posteriormente, os termos também seriam massificados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche como tema de sua obra autobiográfica.

Apesar das referências às duas obras em cujos textos a expressão se faz presente, na obra que se segue, ela evoca o mister de apresentar ao leitor uma narrativa voltada para as reflexões de um homem indeciso e errante, em um mundo desconhecido, onde sua intelectualidade e seu prestígio de outrora serão reduzidos a incertezas, nada mais.

Espero que, através de diálogos rápidos, poemas diversos e caracteres cênicos, voltados essencialmente à descrição da rotineira tragédia humana, consigamos lograr êxito quanto ao objetivo maior desejado nesta ficção – o envolvimento.

*“Dê-me o benefício das suas convicções,
se as tiver,
mas guarde para si as dívidas.
Bastam-me as que tenho.”*

Goethe, Johann

*“O castigo daqueles que amaram muito as mulheres é
amá-las sempre.”*

Joubert, Joseph

INTROITO



O mar dourado saliva
E, violento,
Rumina a fria areia do crepúsculo;
O vento canta
E, espavento,
Queima a asa do coqueiro.
Enquanto o céu magoado
Sangra,
O sol se afoga
E, apaixonada,
A noite acorda.
O dia morre
(...)

Em uma suntuosa varanda de apartamento, sentada ao chão, uma mulher vestida de noiva chora baixinho, intercalando suspiros com goladas de vinho (ela bebe na própria garrafa). O ambiente é luxuoso e o silêncio quase impera, não fosse o vento, que golpeia as folhas de samambaias e faz alguns penduricalhos emitirem um tenro som de cristal. É madrugada e a lua está cheia e brilhante, dourada como o arco de Diana*.

NOIVA

Por quê? (sussurrando e ainda chorando baixo).

A mulher se levanta devagar e se debruça sobre o parapeito. Sua maquiagem desfez-se com as lágrimas, sombreando sua face e trazendo um aspecto gótico, no entanto seus lábios mantêm-se bem vivos e vermelhos. Seu vestido é longo e rendado, um belo vestido de noiva, daqueles que excitam a já conhecida inveja de solteira. A mesma põe a garrafa sobre o muro, puxa um banquinho para si e assusta-se com o barulho causado pelo arrastar do móvel. Para por um momento, olhando para dentro do

quarto, como se não quisesse acordar alguém. Desiste do banquinho e lamenta-se.

NOIVA (Em pensamento)

Meu querido dorme como um anjo, um anjo bêbado, mas um anjo. Alguém que merece tudo de bom, merece alegrias, merece fidelidade (desliza as costas pelo muro até sentar-se novamente ao chão), merece lealdade (silencia e fita o vazio). Merece... (início reprimido de choro) não, como pude...? (passa a mão pelo vestido e chora contidamente, esforçando-se para manter o silêncio) Em meu ventre há o gérmen da traição (põe a mão sobre a barriga), o fruto de uma estupidez inconsequente. Por quê? Que dor...

A mulher sobe a mureta com a clara intenção de saltar, e lembra-se de um momento carnal com outro homem, seu semblante é abstruso; olha para o interior do apartamento e vê seu, agora, marido deitado, dormindo profundamente em uma confortável e majestosa cama de hotel cinco estrelas, lança-lhe um beijo à distância e passa

carinhosamente a mão por seu próprio ventre, depois olha para o céu, olha para o chão e aparentemente desiste de pular. Realmente, não há dor pior que a culpa...

NOIVA (sussurrando)

Mas o que estou fazendo? Isso é loucura!

Decide-se por cancelar o plano nefasto e vira-se para descer, porém desequilibra-se, cai. Longo que era, seu vestido arrasta a garrafa, que cai logo em seguida.

Dois pássaros brancos

Sulcam o soturno abismo negro

Com os olhos cerrados.

Espectadora fiel,

A Lua se vê no brilho dos pássaros

E acompanha o gélido mergulho

No infundo mar de vento.

Asas

Abertas,

As alvas aves

Deixam rastros

Fúlgidos de leite

Próximo à torrE de Espelho,

F

R

A

G

M

E

N

T

A

N

DO-SE

Na magia da queda.

A um andar do chão,

Súbito:

Um dos pássaros,

Em

Rasante instantâneo,

Foge à Lua e

Abandona sua Gêmea,

Que prossegue (...),

Indo ao encontro dos braços

Do asfalto.

Uma garrafa de vinho antiga

**E S T R A C I N H A -
S E**

Ao seu lado instante depois

(Como se a tivesse seguido).

(...)

O Branco faz-se Sangue tinto.

PRIMEIRO



Alguém dorme com o rosto plantado sobre uma
mesa de bar; trata-se de um homem trajando uma
desarrumada indumentária de gala, aparenta seus 35 anos
e, acompanhado de uma garrafa de pinga, Ele parece
sonhar:

Um ponto luminoso chega aos seus olhos.

Vindo do infundo negro, ele separa o céu e o mar.

Uma família de coqueiros observa

Uma grande serpente de fogo

Incendiar a cidade e

Alumiar o lado direito de seus pensamentos.

Um monstro alado emite seu grito incessante de raiva

Através das Ondas.

Por fim,

Um inseto percorre rapidamente seu braço e,

Dilacerando a dormência,

Fá-lo lembrar que está

Vivo:

Desperta-o!

Ele acorda bruscamente e mata um mosquito que há muito lhe espoliava o sangue. Ainda atordado, o homem tateia seu corpo, observa suas roupas, parece sentir falta de seu relógio de pulso, coça a cabeça e somente em seguida se dá conta de que aquele lugar lhe é estranho.

HOMEM (Em pensamento)

Que diabos de lugar é este? Onde estão todos? Onde está a música, a comida e a bebida de antes? Por falar em bebida, que porra é esta? (segura a garrafa de pinga). Não, não, não..., tenho que ir embora daqui agora! (levanta-se quando uma vetusta voz singra a escuridão e o assusta.)

VELHO

Calma, calma, meu filho, foste tu mesmo que vieste até este lugar, não lembras?

HOMEM

Quem é?

Um velho de avental se mostra. Trata-se de um homem com traços fortes e robustos. Cãs assanhadas, barba por fazer, descalço. Ele responde:

VELHO

Sou o dono do estabelecimento.

HOMEM

Onde exatamente eu estou e como vim parar aqui, minha cabeça dói e eu, eu... (o velho interfere)

VELHO

Calma! Já disse, foste tu que me procuraste, chegaste aqui já bêbedo e me pediste uma garrafa de aguardente (segura a garrafa), pagaste até adiantado, aí bebeste, bebeste, bebeste, então dormiste. O bar já fechou. Tentei te acordar várias vezes, porém foi-nos inútil.

Pensei também em carregar-te até a calçada e abandonar-te como a um cão, mas não o fiz devido ao meu pequeno problema na perna (o velho manqueja ao andar). Como disse, o bar já fechou, mas se quiseres ficar até o amanhecer, não há problemas (senta ao seu lado com dificuldades), há muitas noites não consigo dormir mesmo e não são muitos os que vêm por aqui (enche um copinho de pinga e toma), sem contarmos com o fato de ainda continuar a chover, não ouves?

HOMEM

Mas já é tarde e nem sei onde estou de fato, nem onde estão as chaves do meu carro (procura nos bolsos).

VELHO

Carro? Tu não vieste de carro, não dá pra chegar de carro até aqui.

HOMEM

Como assim “não dá pra chegar de carro”?

VELHO

*São os buracos, são os buracos (bebe). Dize-me!
Por que estás com essa cara? Que houve afinal?*

HOMEM

Nada! (responde com impaciência)

VELHO

*Não sejas tímido, um homem que bebe daquele
jeito, só pode ser por uma mulher, não o é? (o velho ri,
bebe e serve o copo do homem). Tua esposa, namorada,
não me digas que é um namorado?*

HOMEM

(Sério) Não! Quero dizer, não é de sua conta!

(levanta-se) *Droga! Onde está meu celular? Tem um telefone? Vou chamar um táxi. Por acaso, não viu meu relógio?*

VELHO

São muitas as perguntas: não, não há telefones por aqui; não, não vi relógio algum e peço desculpas, não quis aborrecer-te, é que também já bebi para afogar minhas máculas. Foi quando a perdi... (o velho abaixa a cabeça e bebe). Podes ir e saibas que, se ela te ama, vai perdoar-te, boa viagem, meu filho!

O homem hesita e, após segundos ligeiros, curioso, senta-se novamente.

HOMEM

Conte-me o que houve, como a perdeu.

VELHO

Quem?

HOMEM

Alguém, sua amada, deve ser, não é? Como a perdeu?

O velho olha para o copo do homem e depois olha para o mesmo, como se lhe pedisse para acompanhá-lo no milenar ofício de conversar enquanto se bebe a dois. O homem vira o copo com gula e o velho balança a cabeça positivamente, como se agora pudesse confiar naquele estranho.

Não se pode detalhar muito aquele ambiente, a iluminação ali é precária. Além da mesa onde conversam, apenas frágeis silhuetas de outros móveis são percebidas e, mesmo sem saber onde está, o homem parece seduzir-se pela conversa. Nada mais confortante: saber que sua dor também é de outrem.

VELHO

Ela simplesmente se foi, não quis mais viver.

HOMEM

Mas por que ela fez tal insanidade consigo mesma, por que elas fizeram... Por quê?

VELHO

Pensara ela que eu havia morrido, anos que passei distante, cerceado de tudo que era a minha vida.

HOMEM

Explique-se melhor, pois não o compreendo, meu velho.

O velho serve cuidadosamente ambos os copos e toma o seu com carinho, o carinho de uma mãe zelosa.

VELHO

Minha vida era Ela, minha querida. Vivíamos da pesca em uma bela praia longe daqui. Sempre fui pescador, um bom pescador! Minha jangada chamava-se Esperança – nome que minha querida lhe dera por possuir uma grande vela verde que Ela mesma confeçoara. Certa manhã, não voltei da pesca rotineira: o Mar, a quem chamava de Pai, quis-me propor um desafio de sobrevivência e então destruiu minha jangada e abraçou-me com seus infinitos braços, jogando-me contra as rochas até que desfalecesse. Acordei em uma ilha e ali vivi doze longos anos, sozinho. Quase perdi minha perna, quase morri, mas a lembrança de meu amor fez-me resistir e sobreviver ao desafio. Só pensava Nela... A mesma força não teve minha amada, que saiu a minha busca mar adentro. Nós dois nos amávamos desde a infância. Éramos um só.

Suor, odor, infinito vislumbrado
Monstro envolto em hálito quente
Explosão histérica; permuta
Dedos de sangue em ritual sonoro
Um toque de saliva
Violência carismática

Erupção – Recepção
Coesão inquebrantável
Transferência rítmica
Círculo vicioso, círculo vicioso
Desmaio imperceptível
Fusão!

VELHO

*Ouço seu canto todas as noites e fico acordado
envolto por sua linda voz. Com sinceridade, digo-te: acho
que ela agora é uma sereia, que canta seus lamentos e
espera por mim (diz estas últimas palavras sorrindo).
Creio que cante versos assim: É verdade...*

Que vontade de vaguear!

A vela verde voou com o vento voraz;

A vida feita por ti não volta mais.

O véu vermelho do céu vingou,

O verso fez-se voz e viajou.

Oh, mar,

Traz de volta o meu amor!

Faz a Vaga varrer com fervor!

Faz o frio fluir, faz vapor!

Faz a força vagir, faz favor!

Faz-me ver outra vez

Meu amor!

HOMEM

Que belo! Bravo, bravo! Mas conte: como saiu de lá, da ilha?

VELHO

Isto não possui relevância alguma, além de tudo, já falei muito de mim e vejo em teu olhar a mesma sofreguidão que há no meu, como se fosses tu o espelho de minh'alma.

HOMEM

O senhor fala como um catedrático, de maneira difícil até. Como um pescador saberia se colocar com tamanha magnitude?

VELHO

Compreendo teu enlevo, homem, ele reflete um espírito locupletado de estigmas “preconceituantes”. Entretanto, para obviar a tribulação que atormenta tua

idiossincrática falta de condescendência cognitiva, (o homem espanta-se) 'explico-me-te': na ilha a que me referi há pouco, havia uma verdadeira biblioteca espalhada pela areia da praia. Volumes e mais volumes, grandes clássicos do pensamento, dicionários, enciclopédias, biografias... Lia de tudo! Talvez algum navio que faria alguma entrega a algum intelectual tenha sucumbido aos desígnios de Poseidon, enfim... Ademais, palavras são palavras... difíceis?, não!, apenas ignoradas. Não importa, fala de ti!*

HOMEM

Sua história emociona de tanta tristeza (bebe e baixa a cabeça). Talvez já baste de tanta emoção, não concorda?

VELHO

Não! Até porque não haveria justa proporção no fato de eu expor-te toda a minha aflição, o negrume de minha vida, e tu insistires no silêncio. Acresço que será

*um alívio colossal para ti, será uma catarse, homem!
Fala!*

HOMEM

*Não me lembro ao certo de quanto tempo faz,
estou ainda um pouco confuso, atordoado, eu diria,
parece-me que foi ontem que a perdi, nem sei mais...
(chora pronunciando estas últimas palavras e o velho
segura-lhe a mão em consolo) Há um vazio eterno agora
que ela se foi. Eu a amava tanto. Por que ela fez isso, por
que elas fizeram isso conosco?*

VELHO

*Dizias a ela o quanto a amavas? Sempre? Todos
os dias?*

HOMEM

*Sim, sim, sempre, mais ainda, eu a amava em
tudo que fazia, ela era tudo pra mim, sua presença era*

uma dádiva e em seu ventre, velho, havia o produto de uma eterna paixão, um filho, entende? Meu filho! (sorri)
Ela era o meu poema.

Em teus olhos, encontro meu destino

Nos teus lábios, eu vejo meu desejo

Em teus braços, me acho e me fascino

És meu lado e meu lar é teu beijo

HOMEM

Ela era meu instante e eu a amava mais que tudo.
Nós éramos tão felizes... Realmente não consigo entender, sabe? Veja, aqui, veja! Ela também sabia fazer poemas (o homem enfia a mão no bolso interno do blazer, vasculha)
Mas o quê? (retira pedaços de papel molhados) Está encharcado, destruído, minhas roupas estão úmidas, por quê?

VELHO

Que houve, jovem?

HOMEM

*Não sei, mas espere, acho que consigo lembrar,
era mais ou menos assim:*

Foi-se o vazio de mim

Foi-se o frio de mim

Foi-se o gosto amargo de não sei...

Foi-se o silêncio...

Foi-se o medo...

Foi-se o nada...

Foi-se tudo

Veio você.

E ela me deixou, por quê? Por que elas fizeram isso?

O homem então cai aos prantos como uma
criança separada da mãe em meio a uma multidão de

estranhos.

VELHO

Agora entendo... Agradeço tua sinceridade, sinto-me honrado por tua confiança e imagino teu sofrer. A perda do que se espera machuca, mas a súbita ruína de um amor mata! Estás muito cansado, por que não dormes um pouco? Há um colchão velho ali que pode servir de consolo, dado o momento.

HOMEM

Não, não quero dormir, tive sonhos confusos... (hesita) Tudo está muito confuso... (coça a cabeça e se levanta subitamente) Tenho que ir!

VELHO

Não vou insistir! Se queres ir, que seja, mas te digo em verdade: lá fora há perigo, meu filho.

O homem dá com os ombros e vai andando até uma porta, abatido por uma noite inteira dedicada à boemia, abatido pela solidão, abatido, mormente, pela dúvida. Ele para alguns instantes perante a porta, e, como se houvesse esquecido algo importante, vira-se rapidamente já perguntando:

HOMEM

Qual seu nome, Senhor? (não vê ninguém, só escuridão)

Volta-se devagar para a grande porta de ferro e a empurra, sente então um calafrio ao ouvir seu rangido atemorizador.

SEGUNDO



Fora da espelunca do velho, há uma viela escura e fria, o chão é de terra batida e poças d'água adornam o sombrio Beco de Não Sei Onde. Para espanto do homem, a chuva cessou repentinamente e após alguns dificultosos passos, Ele se depara com uma figura que jaz ao solo imundo, acostado a um muro carcomido pelo tempo, um mendigo.

HOMEM

Que rua é esta, nada aqui me é familiar (olhando para o mendigo e falando baixo, talvez por medo).

O homem ignora o corpo decrepito dormindo ao chão e continua por mais alguns minutos. Passa por vários becos semelhantes até que chega a um lugar que o surpreende: o mesmo.

HOMEM

Mas o quê? Esse tempo todo e... como posso ter vindo parar aqui de novo? Alguém! (grita) *Alguém pode*

me ouvir?

Enquanto grita em desespero, não percebe que o mendigo acorda e, ainda deitado, começa a observá-lo.

HOMEM

Voltarei ao bar de onde não deveria ter saído, tenho certeza de que o velho irá me receber (começa a andar e assusta-se com a voz roca do mendigo).

MENDIGO

Engana-te a ti mesmo, homem!

HOMEM

O quê? Que susto! O que disse?

MENDIGO

Não encontrarás bar ou balcão algum, não sem

mim, que há muito te espero, homem!

HOMEM

Só pode ser brincadeira! Só me faltava um louco metido a intelectual! Que pesadelo!

MENDIGO

*Louco intelectual, louco intelectual? (senta-se)
Vejo uma redundância, digo, vejo com meus próprios olhos que veem uma redundância pleonástica de repetição nas palavras ditas por teu dizer.*

O mendigo possui uma barba suja e bem comprida e enquanto fala exalta seus mais variados tiques nervosos.

HOMEM

O quê? Deixa pra lá! Ouça: tenho dinheiro! (procura nos bolsos). Onde está minha carteira, onde está,

onde está? Droga! Aquele velho... Fui roubado, fui roubado... primeiro meu relógio, depois minhas chaves e, agora, minha carteira! Sim, tenho de voltar lá! (vai saindo apressado)

MENDIGO

Mas será o Benedito! Já disse: não encontrarás bar ou balcão algum, não sem mim, que há muito te espero, homem!*

HOMEM

Que conversa é essa? Pois bem, ajude-me a encontrar o bar e então te darei algum, hein, o que acha?
(fala e gesticula como se estivesse falando com algum doente privado de capacidade mental)

O mendigo ri balançando negativamente a cabeça.

HOMEM

O que foi agora?

MENDIGO

Tratas-me com comiseração, como se tivesse perdido meus sentidos, mas o perdido aqui és tu, não é certo? Saibas que já fui lente, professor para os laicos, mas agora, não! Regozijo-me de meu despojamento, de minha vida livre, afinal, sou só um mendigo, desgarrado de todas as vaidades impostas pela tua sociedade, despido de saber, alheio até mesmo à terrível obrigação de ser alguém... Além disso, intriga-me teu queixume acusatório.

HOMEM

Como assim?

MENDIGO

Disseste há pouco que foste usurpado, espoliado, enganado, roubado por um velho, e vi em teus olhos uma

frágil certeza disso, assim como são frágeis todas elas.

HOMEM

Elas quem?

MENDIGO

Ora, as certezas, não é certo? E são tantas...

HOMEM

Tudo bem, acho que estou perdendo meu tempo...

MENDIGO

Mas tempo não se perde nem se ganha, afinal, o tempo nem existe, o futuro não existe; aí, então, já será presente, que será passado, que já foi futuro, que já foi presente. O tempo é ausente, homem! O presente é ausente... (ri)

HOMEM

*É demais, que lugar é este onde me deparo com
um fétido maltrapilho filósofo e, ainda mais, poeta!*

MENDIGO

*Mas sou biltre porque sou filósofo, ou sou
filósofo porque sou poeta? Aliás, sabes tu que*

O poeta é um masoquista

É um ator, é uma artista

Um fingidor, um vigarista

Com um carácter idealista

É um louco, é um sonhador

É um desvairado escritor

Um melancólico cantor

Que entende bastante de amor

O poeta é um mentiroso!

HOMEM

Eu mereço! É, realmente, parece que toda regra tem sua maldita exceção. (pensa alto)

MENDIGO

Não, não, não! Não digas tal impropério. Parece-me que em alguns instantes tua língua não reproduz corretamente os desejos de teu pensar. Nem toda regra possui exceção, homem! E se o que falaste for tido como regra, hein, e então, qual será sua exceção senão a própria negação de tuas palavras? Há aí um grande contrassenso, não é certo?

HOMEM

Esqueça, não disse nada.

MENDIGO

Claro que disseste, tu disseste “não disse nada”, não e nada, que é isso? Não-nada? Tudo? Não importa,

*además nada e não-nada simplesmente não são...
Outrossim, o nada também não existe, pois, em existindo,
perde sua essência fundamental de Nada e passa a ser
alguma coisa, não é certo?*

O homem demonstra certo desinteresse em discutir, percebe a teimosia intelectual do mendigo e apela para uma fraude contumaz: a condescendência.

HOMEM

*Por gentileza, como o senhor poderia me ajudar
a sair desse lugar e chegar até minha casa? Eu moro na
rua...*

O outro o interrompe bruscamente retirando de seu manto sujo e rasgado um frasco pequeno contendo um líquido anil brilhante.

MENDIGO

Aqui, toma (aproxima-lho), bebe isto!

O homem se afasta.

HOMEM

*Como assim “toma”, claro que não vou tomar,
não sei nem o que é isso, meu senhor.*

MENDIGO

*Isto, isto, isto! Aqui está minha flor sonora, meu
abrigo:*

De metáfora, ainda há um resquício,

Pois és meu vício.

Antítese também existe:

Por ti, sou alegre e triste.

Prosopopeia ou personificação,

Quando chora meu coração.

De sinestesia, não se pode falar!

Com os meus olhos, quero-te devorar.

Hipérbole, tenho que pôr:

Por ti, morro de amor.

Aqui o pleonasma tem de estar;

Com a boca, quero te beijar.

Metonímia também deve haver:

Até o pão deixo de comer.

De um arcaísmo, posso me lembrar:

Co'a tua presença, quero sempre estar.

Um triste eufemismo, poderei te servir:

A um campo santo deverei ir.

Oh, que faz o amor...

Faz poeta, professor.

(Suspira o mendigo)

E eu a guardei por muitas noites para ti, homem.

Não faças tal desfeita, deixa de cerimônia!

HOMEM

E se me fizer mal, e se... (nova interrupção)

MENDIGO

“Se..., se...” - tal partícula condicional não traz utilidade alguma agora, sê mais pragmático, homem! Escarra pungente esse medo entranhado! (entrega o frasco) Entretanto, se quiseres permanecer sem teus sentidos, nega!

HOMEM

Explica melhor o que é (olhando para o frasco em sua mão), por favor!

O mendigo então sorri largo e começa a cantar:

MENDIGO

Quando estou naquele lugar onde o sol não brilha

E o frio insiste em entrar sem bater

Invadindo o meu ser

Aí, vem você

E me abraça com calor

Minha flor

Quando o ar parece fugir e a dor vem sufocar

O silêncio insiste em gritar sem dizer

Fazendo-me sofrer

Aí, vem você

E me estende a mão com amor

E eu vou...

Enquanto o mendigo canta, o homem inevitavelmente vai bebendo o líquido, como se enfeitiçado estivesse, e ao final da canção o farroupilha pergunta:

MENDIGO

Não ouves a música? (repete várias vezes,
baixando o tom de voz até sumir na escuridão da rua)

HOMEM

Sim, eu ouço, que agradável!

O homem começar a ouvir alguma melodia, seu olhar modifica-se e inquieta-se, busca todos os lugares. É uma olhar ledó, de criança, que se espanta, que se admira. A realidade agora é ressentida; tudo se embeleza diante de sua mente. Ele corre pelos becos alhures imundos, mas que se converteram em fonte inesgotável de aprazimento. Então, alterado, Ele declama:

HOMEM

A música-musa me marca,

Mantém minha meta.

O bafo do bumbo me bebe,

Bombeia meu bojo.

O tono da tecla me tenta,

E toma o meu tato.

A panca na pele me pulsa,

Aponta o poder.

O rio do ritmo me rege,

Refuta o meu resto.

A nota no nervo me nina,

Namora meu nome.

O silvo do som a mim salva,

Assusta o sentido.

A flauta da força me finda,

Afirma-me a fonte.

Várias sensações invadem sua consciência e Ele inicia uma dança entorpecido, passa a ter visões de momentos alegres de sua vida com sua amada: as festas de que participaram; seus momentos nas praias; suas viagens;

enfim, tudo o que seu amor construíra. Porém, sequencialmente, lembranças obscuras o atormentam: a noite de núpcias do casal em um hotel à beira-mar; o corpo ensanguentado de sua amada ao chão da rua; água, muita água, vinda de todos os lados; falta de ar e, por fim, escuridão. O homem cai deitado ao chão, bem de frente a uma igreja, põe a mão na fronte e reflete consigo:

HOMEM (Em pensamento)

Corolário de minha enfermidade – a tragédia - algumas sensações completam meu instante livre de vazio e cruelmente envolvem alguns de meus sentidos; tudo sob o auspício e controle dos feitores do Olimpo. Tenho medo de continuar a cair no escuro poço do ordinário, ficar sentado, calado, desarmado. Receio um dia não possuir mente suficiente para me segurar à corda lançada, todavia, e se nunca me lançarem uma? Assim, de forma limitada, pois, venho seguindo enjoado, com frio e envolto em capitoso entorpecente, refletindo sobre qual sensação enviar-me-ão para unir-se àquilo contra que, sôfrego e cansado, venho lutando, àquilo de que venho*

fugindo com pertinácia – o desespero (desmaia).

Ansiedade, eis o que resiste herculeamente, fiel
amiga indesejada, frio e medo...

TERCEIRO



Ainda desacordado em meio à escuridão de seus sonhos, o homem ouve uma voz bem austera, que rompe brutalmente o silêncio em tom de sermão: “*Repita o que eu lhe disse, meu jovem, não está prestando atenção, seu merdinha, repita o que disse, vamos!*”. As pálpebras vão lhe despidendo os olhos castanhos e, meio desfocado, Ele visualiza o lugar: está em uma sala de aula. À exceção de sua cadeira, todas as outras estão ocupadas por bonecos, manequins, e a um desses bonecos, que está com um chapéu de burro e cuja cadeira se encontra num canto da sala, um senhor gordo vestido de padre prossegue:

PADRE

Pois bem, aí então é o seu lugar, seu merdinha, ficará aí para que todos vejam o quão imbecil é!

Durante a admoestação, o homem, ainda atordoado, observa tudo ao seu redor buscando alguma resposta e começa a rir baixinho de toda a situação. O padre percebe o fato e volta-se enfurecido contra o mesmo:

PADRE

Estás achando engraçado, seu monte de merda! Gostas de rir dos outros na Casa do Senhor? Talvez queiras fazer companhia ao teu colega, que achas?

HOMEM

Isto tudo é um engano, senhor, um grande equívoco. Eu não deveria estar aqui, me perdoe (ainda rindo tenta se levantar da cadeira, mas percebe que está preso a ela). O que é isso, alguma brincadeira? (gargalhadas de crianças difundem-se pela sala, zombando do fato macabramente) Tire-me daqui, agora!

PADRE

Calem as suas bocas imundas, suas pestes! (grita com todas, que se calam de forma abrupta e inconteste) Com quem pensas que estás falando, merdinha? Aqui é a Casa do Senhor, e eu sou Seu representante nesta sala, portanto, cala-te se não quiseses levar uma surra em nome de Deus! (grita novamente erguendo a Bíblia

Sagrada)

HOMEM

Eu não tenho idade nem paciência para aturar isto, já passei pela sala de aula há muito tempo, já disse... (ainda tentando se levantar ofegante) Senhor, houve um engano, meu nome é... (o padre o interrompe)

PADRE

Eu sei muito bem quem és, és um perdido, um vagabundo, um imbecil, profanador, blasfemador, por isso estás aqui...

HOMEM

Pare! Pare! Não, o senhor não entende, eu sou um escritor renomado, não me reconhece? Já dei várias entrevistas, sou um intelectual, com formação superior... (é mais uma vez cortado pelo sacerdote)

PADRE

Crês que uma colação seja suficiente para tornar-te um sábio e merecedor das bênçãos do Senhor, és um saco de merda! Aqui és só uma criatura desprezível que não respeita ninguém, nem a ti mesmo, homem! Fama e fortuna são a desgraça de tua história aquém-túmulo. Mereces o fogo! Queima! (aleluia! – gritam as 'crianças') Entrementes, pela grandiosa graça (faz o sinal da cruz), tens a oportunidade de te redimir. A partir de agora, reza e conforma-te, pois a sala de aula será o recanto de tua eternidade!

O padre começa a rir satanicamente e as 'crianças' o acompanham em coro. O homem entra em pânico diante daquela situação surreal. Seus lábios ressecam. Começa a crer que aquele insólito momento poderia ser de fato verdade e sente seu coração quase explodir de pavor. Tenta rezar para sair dali, mas se perde em suas orações, não consegue se lembrar das palavras certas, afinal, nunca precisara delas.

Durante o evento nefasto, quando já não mais sabia o que fazer e cria fielmente em sua insanidade, ouvem-se várias vozes vindas de fora da sala, “*Por aqui, derrubem!*”, como uma multidão, e, junto com as vozes, tiros e explosões. O padre demonstra certo receio, uma medrosa curiosidade, até que a porta vem abaixo devido a uma das explosões e uma bruma de pólvora toma conta da sala.

PADRE

Mas, por mil virgens, que é isto na Casa do Senhor?

A sala é invadida por várias pessoas. Seus rostos não são nítidos - exceto o rosto de alguém que parece ser o líder. Elas vão destruindo tudo e alavancando os bonecos, como se os estivessem ‘libertando’, salvando-os daquele ambiente hostil.

PADRE

Demônios, todos, eu os amaldiçoo a todos!

(enquanto grita, o padre puxa um castiçal dependurado ao lado do quadro-negro e foge por uma passagem escondida atrás das cortinas)

Volvida a confusão, após a saída de todos os invasores sem rostos, permanecem na sala o homem, ainda preso, e o Líder, que se aproxima rapidamente.

LÍDER

Rápido, não é seguro aqui!

HOMEM

Estou preso aqui nesta cadeira, não respiro bem e não consigo me soltar!

O líder tenta ajudá-lo, mas não consegue soltá-lo.

LÍDER

Precisas te concentrar, esforça-te, luta, homem!
(fala célere)

HOMEM

Não dá! (lamenta)

LÍDER

*Não podes desistir, não tão cedo, não tão fácil
assim (objeta). Estás cedendo, concentra-te, resolve-te!*

Na tentativa de ajudá-lo a se libertar, o líder canta
palavras de reflexão:

LÍDER

*Ei, rapaz, será que és capaz
De entender o que há por trás
Daquilo que não satisfaz?*

*Só então serás, só então terás,
Só então verás o que não é prisão*

O homem retorque.

HOMEM

Eu não quero mais chorar nem sangrar

Eu quero amor, eu quero paz

Tudo que quero é mais

Arte, eu quero arte

E luz p'ra cantar

Eu quero arte

Eu quero arte

Após a resposta, inexplicavelmente, o homem se solta da cadeira-prisão e demonstra extrema felicidade enquanto repete os últimos versos. O líder se aproxima com seu jeito desconfiado:

LÍDER

Agora sê rápido, debes ir sempre pela esquerda até a floreta, não confies em ninguém... Toma isto!
(mostra-lhe um revólver)

HOMEM

Não, jamais! (afasta-se com censura)

LÍDER

Pega logo, homem (recalcitra), é preciso!

HOMEM

Não vejo porquê em carregar uma arma de fogo, não é necessário.

LÍDER

Se for necessário matar-te, meu amigo,

Não hesitarei em fazê-lo;

Se for necessário roubá-lo, irmão,

Que assim seja;

Se for necessário desobedecer-lhe, Pai, (olha para o céu)

Digo não!

Princípios são ideias,

Ideias são mutáveis!

Mas o que é necessário?

Se for necessário comportar-me, mãe,

Sim, Senhora!

Se for necessário ensinar-te,

Faço-me professor;

Se for necessário aprender,

*Presente! (as vozes das mesmas 'crianças' respondem em
coro)*

Fatos fazem princípios,

Princípios são mutáveis!

Mas o que é necessário?

Se for necessário rezar,

Amém! (uma voz do além responde)

Se for necessário calar,

(silêncio)

Se for necessário morrer,

Adeus! (põe a arma na cabeça, mas não atira)

História gera fatos,

Fatos são mutáveis!

Mas o que é necessário?

(entrega compulsoriamente a arma ao homem)

Saibas que no tambor só há um projétil, uma única bala! Esta deve se utilizada no momento certo contra quem há muito te escraviza. Vês aquela porta?

(aponta) *Depois daquela porta, está o caminho para a floresta. Rompe as amarras seculares, ceifa as cordas que te agrilhoam, homem! Vai! É necessário mudar tua história!*

O homem sinaliza com um movimento de cabeça, respira fundo e anda, transpõe a dita porta enquanto murmura o líder:

LÍDER

Tu que dormes entorpecido

Arma-te para a disputa

Estuda, mira, escuta

Desperta-te, meu amigo!

QU4RTO



Pela penumbra de uma assustadora floresta, mergulhada em um abismo de estranhos ruídos e repleta de gigantescas árvores retorcidas, o Homem caminha errante, com a arma na mão direita, a passos sorrateiros e olhos atentos como os de um caçador experiente, ou seriam os da caça? Repentinamente, Ele ouve um terrível chocalhar e se assusta:

HOMEM

Quem é?

Novamente o barulho do chocalho, mas confundindo-se desta feita com gargalhadas assombrosas.

HOMEM

Apareça, quem quer que seja! Eu estou armado!

(gagueja)

Por trás de uma larga árvore, evidente entre as

demais, surge uma figura híbrida, recoberta por uma pele verde e brilhante, como pele de serpente. Possui braços e busto humanoide, mas no lugar de pernas uma longa cauda completa seu corpo extravagante. Em uma de suas mãos, traz uma vermelha maçã e, sem se aproximar, diz:

SERPENTE

Ora, ora, ora, eis-te! (morde a maçã)

HOMEM

Quem é você, digo, o que é você? (apontando a arma de forma inexperiente)

SERPENTE

Eu sou o que sou!

A serpente apresenta características andróginas e uma fala calma e eloquente; manifesta sempre um olhar agressivo, porém sedutor.

HOMEM

Não faço ideia do que quer dizer.

SERPENTE

A ideia é efêmera como o vento, vem te sopra o ouvido e vai deixando apenas uma sutil fragrância. É como um choque, que vem de repente e te deixa atordoado; belisca-te o pensamento e vaga ao esquecimento.

HOMEM

Agora já estou certo de que tudo não deve passar de um sonho, quero dizer, um pesadelo, um maldito pesadelo, só pode ser!

SERPENTE

Talvez estejas certo, homem, talvez tudo seja um eterno pesadelo, uma grande ilusão, uma alucinação. Eu posso te guiar até a saída deste labirinto emocional, fazer

cessar esta terrível confusão, mas somente tu podes de fato despertar. Sei que é livre teu alvedrio, mas deves confiar em minhas palavras de acalento.

A serpente vai se aproximando do homem, sempre devagar, com a calma e o cuidado de um felino faminto.

SERPENTE

Que há de novo? Já é quase dia e o que sentes? Nada! Passos dados durante uma vida inteira, os mesmos passos que te trouxeram militarmente ao fim. Por Deus, percebes as transformações? Elas existem? Há regozijo em tua vida? Por que vives, homem? Buscas a completude? Ou já a encontraste? Olha ao teu redor, lembra o passado, pensa o futuro, sente-te... E por que diabos vives, homem? Aguardas a mudança? Ou ela já chegou? Ergue os braços aos lados (a serpente manipula os braços do homem), fecha os olhos (fecha-lhos), toca a multidão que passa em turbilhão (enquanto ouve vozes, Ele sente-se tocado por várias pessoas, que passam

velozmente) *Quem serão todos? Quem és para eles? Por que vives, homem? Acreditas em algo? Na redenção? Não? Abraça teu trabalho, dá a mão ao teu dia a dia, reflete sobre a vida e me pergunta: Por que vivo?*

Interessante (não?): nada é mais incisivo e transtornador quanto a verdade, ainda mais quando não a queremos por perto.

HOMEM

Acho que entendo o que quer dizer, mas eu já estou morto há muito tempo. Morto por dentro! (coloca a mão no peito)

SERPENTE

É aí que está o conflito que te aflige e que te impõe tanta dor: morte e vida em um incestuoso enlace. Quiproquó. Tudo que vive morre, mas tudo que morre... Acaba logo com isso, homem! (empurra-lhe a mão com a arma até a cabeça)

HOMEM

Não está certo! Não é tão fácil! (indeciso) E se for você (aponta para a serpente) a causadora de tudo? Talvez esta bala seja p'ra você! (a serpente se assusta e joga a maçã fora)

SERPENTE

Talvez seja verdade, talvez essa bala me pertença, talvez devas cravá-la em meu negro coração e fazer o que bem sabes: matar! Enfim, tudo é dúvida exceto uma coisa: ninguém te espera fora da floresta, lá fora somente encontrarás a angústia de saber que viverás sozinho, (a serpente se vira e sorri) sem ela...

HOMEM

Não se atreva a falar dela (insurge-se), sua... (é interrompido)

SERPENTE

E, sabendo disso, no entanto, dou-te uma oportunidade, por que não dizer, única: a milagrosa oportunidade de um reencontro eterno com tua amada e teu filho (vira o rosto para esconder um sorriso de zombaria, como se soubesse a verdade acerca do filho bastardo). Que achas?

O homem silencia e pensa.

SERPENTE

Pensas que não sei? Conheço-te, homem, conheço-te bem! Sei o que queres mais que tudo; sigo teus passos desde que resolveste levar uma vida errante, se é que podemos chamar aquilo de vida! Bebidas, mulheres promíscuas, entorpecentes outros, falta de zelo, apatia (enquanto enumera pausadamente a lista de atos escusos, a serpente vai sitiando-o e enfeitando-o com suas palavras), solidão, desventura, ufa! Poderia até desidratar de tanta saliva despendida ao enumerar teus nobres atos

*de força de vontade. Tu me procuraste, homem, não
lembras? A festa, a vodca, o belo carro em alta
velocidade, a estrada escura na colina, a bruma, a chuva,
a curva fechada, a queda, as rochas, o mar, e eu, eu
estava a te esperar para te mostrar o caminho, a luz no
fim desse túnel de sofrimento que foi tua pseudovida
miserável, tudo que precisas fazer é puxar o gatilho
(empurra o braço com a arma até a cabeça do homem
novamente), dispenso até os agradecimentos póstumos
(sorri com sarcasmo). Voltando à dúvida, é... talvez tenhas
razão, esta bala pode ser minha, mas pensa bem: se me
matas, retornas; se te salvas, vais para junto de tua
família. Ainda te lembras do rosto Dela, e do cheiro Dela?
Já paraste para pensar? E quando começares a esquecer?
Não contraries teus desejos de alma, homem, afinal:*

Tu és a morte

Tudo aquilo que não é forte

Aluno da vida, mestre da demência

O simples silogismo da existência

És o paradigma vil da evolução

O criador e sua maior criação

A certeza incerta da razão

A frágil máquina da emoção

Tua religião é a ciência

Teu dom, ignorância

Teu Deus, tua consciência

Tua bandeira, a arrogância

O homem busca forças para resistir e utiliza-se de seu conhecimento poético para retrucar. Uma espécie de duelo inicia-se:

HOMEM

Sou a luta, a dança, um abraço

Magia, rubrica, um verso

A expansão do universo

Um terno e completo laço

SERPENTE

Queres uma nobre contenda? Justo!

És o consumo e a cobiça

A mudez da democracia

O bolor da hipocrisia

A tropia da justiça

Pensas-te feitor da história?

És escravo dela

Filho da Hades e Mória**

És poeira de Estela!*

HOMEM

Sou a cura musical

O produto do real

O sonho do ideal

A anomalia mais normal

SERPENTE

És o plágio, a droga, a alergia...

A sombra, a fuga, a anemia...

Uma lágrima, uma triste elegia

*Um ébrio buscando Sophia**

És a fraqueza, a velhice:

A mais cruel doença

És a coletiva burrice

És a perda..., és a crença

HOMEM

*Sou o sorriso de Mona Lisa**

*A fome de mudança
O vento que desliza
Sou amor, sou esperança*

SERPENTE

És o pesadelo da borboleta azul
O devir..., o movimento
Que Zéfiro* te leve ao Sul
Aos braços do tempo*

*És o hímen do ego, uma enzima
Um primata chamado Adão*
Que Afrodite* te negue a rima
Que Aletheia* te negue a mão*

Ele cai sentado pela imposição da serpente, esta mostra sua bifurcada língua em ameaça e solta sua gargalhada-chocalho. O homem resiste:

HOMEM

Eu sou o Um

O ar, o mar, o incomum...

SERPENTE

*Estás no Jardim de Epicuro**

Sentado, sozinho, no escuro...

(balança a cabeça em sinal de compaixão)

A tristeza é tua alegria...

HOMEM

A poesia me torna atleta!

SERPENTE

A solidão é tua companhia!

HOMEM

Mas a dor me faz poeta!

O homem começa a divagar, lança palavras soltas ao ar – teria enlouquecido? A serpente rebate tais palavras com muita prudência e sem esforço, demonstrando uma vantagem na sórdida disputa.

HOMEM

Amar!

SERPENTE

Sintético!

HOMEM

Crer!

SERPENTE

Cético!

HOMEM

Saber!

SERPENTE

Hipotético!

HOMEM

Pensar!

SERPENTE

Dialético!

HOMEM

Dormir!

SERPENTE

Atlético!

HOMEM

Fugir!

SERPENTE

Magnético!

HOMEM

Viver!

SERPENTE

Patético!

HOMEM

Matar!

SERPENTE

Ético?

HOMEM

Morrer!

SERPENTE

Profético! (grita)

O homem se levanta bruscamente, já banhado em lágrimas, e a serpente afasta-se um pouco enquanto conclui confiante:

SERPENTE

Teu ciclo já se fechou:

Epígrafe

Epidídimo

Epitélío

Epidemia

Epílogo

Epitáfio!

Logo após todo o afã da contenda verbal, o homem, agora exausto, parece ter-se decidido: ofegante, olha para a arma, para a serpente e para o vazio inúmeras vezes; o silêncio massacra, o tempo se alastra como se concretizasse o eterno e a floresta faz-se escuridão. Como um trovão, o som do projétil disparado aturde os céus e um clarão, como se dia fosse, ilumina por um rápido instante toda a selva negra. Que terá ocorrido? Haveria então uma sina, o sino da nova sorte? Qual lado da moeda revelar-se-á: o lúgubre ou o ilustrado? Penso que ambos, xifópagos, como sempre.

CARA

(O lúgubre)



“*Afastem-se!*” - grita um médico ao descarregar o desfibrilador sobre o corpo de algum quase morto posto sobre uma fria cama de UTI. “*Afastem-se!*” - novo choque – e pula o moribundo. Ao redor do leito, encontram-se dois médicos e uma enfermeira.

ENFERMEIRA

Ele não reage, Doutor!

MÉDICO 2

Ele se foi, ele se foi! (consola o amigo de profissão ao ouvir o som constante da medição cardíaca)

“*Afastem-se!*” - tenta mais uma vez o doutor, como se quisesse afastar de sua consciência o peso de uma inexistente omissão e exaurir todas as possibilidades de tentativa. Desiste e se conforma. A enfermeira parecer realizar procedimentos de rotina, típicos, e, com a indiferença adquirida por todas as mortes, entrega aos médicos um fúnebre formulário para que conste no mesmo

o nome do corpo e a hora de sua inatividade, a lista para a qual servem os mortos, pura estatística, números. Os equipamentos permanecem ligados ao passo que o ritual prossegue.

O homem se ergue da cama e, descalço, pisa o chão frio daquele lugar. Os profissionais ali presentes não o notam, continuam seus lúgubres mesteres. Ele então se vira, frente à cama, vê-se morto e não se surpreende, senta-se à beira e desabafa.

HOMEM

Às vezes, surpreendo-me corrompido pela hipocrisia dos fatos, torno-me mau, completo-me de angústia, libero meu ódio e o deprimio, resisto...

Às vezes, pareço injusto, incompreensível, bastante arrogante; afogo-me em uma garrafa repleta de preconceitos e vomito sonhos intempestivos demais para estranhos ou para minha periferia mais íntima, mas sonho

para poder dormir.

Às vezes, espanto-me com uma alegria profunda, independente, inexorável, absoluta... verossímil (lamenta); penso que posso, acho que quero, entrego-me a mais um copo de esperança.

Às vezes, quando me pergunto sobre as coisas, penso em mim, unicamente em mim, esqueço o resto, faço-me silêncio, escondo-me e vigio meu sítio, mas somente às vezes, pois imagino que - talvez ilusoriamente - alguém precise de mim, de minhas ideias, quem sabe até de meu distinto carinho; então eu venho limpo para que possa me sujar algures, venho sábio para que possa rir criança, venho forte para que possa viver em paz.

Agora, sim, tudo é presunção, tudo é falso, volátil, infindo... desproporcional... (pronuncia com ênfase) Tudo se presume e eu, eu sobrevivo. É só!

Empós o desafogo, o homem se deita sobre seu próprio eu e recorda-se da noite em que quase pôs termo a sua própria vida:

Chovia forte na estrada; depois de uma festa e de doze doses de vodca, teimosamente como de costume, o homem resolveu, bêbado, dirigir seu luxuoso carro. Sua mansão ficava no topo de um monte, de frente para o mar, um requinte de poucos. No meio do percurso, ao passar por mais uma curva, o escritor não resistiu à dor e sucumbiu às lástimas – chorou, chorou muito. O pranto desviou-lhe a já reduzida atenção e o veículo marchou inerte, como equídeo ajaezado com palas laterais, olvidou a traiçoeira curva, trespassou a mureta de proteção e lançou-se ao mar. Antes do mergulho marítimo, o automóvel chocou-se contra várias rochas e rolou e rolou e rolou... Preso ao banco, inerte, o homem sentiu-se banhar e antes de esmorecer vislumbrou algo:

Um ponto luminoso chega aos seus olhos.

Vindo do infindo negro, ele separa

O céu e o mar.

Uma família de coqueiros observa a grande

Serpente de fogo

**Incendiar a cidade e alumiar o lado direito de Seus
pensamentos.**

Um monstro alado emite seu grito incessante de

Raiva através das

Ondas.

Por fim,

Um inseto

**(Que há muito estivera escondido nas frinchas do interior
do veículo)**

Percorre rapidamente seu braço e,

Dilacerando a dormência,

Fá-lo lembrar que está vivo:

Desperta-o!

**O músculo cardíaco esperta, ritma o aparelho e
surpreende os médicos:**

MÉDICO 1

Mas o quê? (aproxima-se do corpo)

MÉDICO 2

Hã! Não pode ser! (observa a máquina absorto)

ENFERMEIRA

Milagre! (grita erguendo os braços)

O homem acorda assustado e passa rapidamente a mão pelo braço, como se quisesse matar um inseto incômodo. Ainda recoberto por apetrechos hospitalares e com a pele maculada de sangue, Ele balbucia algo com olhos de sofrimento:

HOMEM

Eu a perdi...

Emocionados, todos os profissionais ali presentes ignoram as palavras do ressurreto e celebram em uníssono coro:

MÉDICOS E ENFERMEIRA

Ecce Homo!

Fim?

COROA

(O ilustrado)



“*Afastem-se!*” - grita um médico ao descarregar o desfibrilador sobre o corpo de algum quase morto posto sobre uma fria cama de UTI. “*Afastem-se!*” - novo choque – e pula o moribundo. Ao redor do leito, encontram-se dois médicos e uma enfermeira.

ENFERMEIRA

Ele não reage, Doutor!

MÉDICO 2

Ele se foi, ele se foi! (consola o amigo de profissão ao ouvir o som constante da medição cardíaca)

“*Afastem-se!*” - tenta mais uma vez o doutor, como se quisesse afastar de sua consciência o peso de uma inexistente omissão e exaurir todas as possibilidades de tentativa. Desiste e conforma-se. A enfermeira parecer realizar procedimentos de rotina, típicos, e, com a indiferença adquirida por todas as mortes, entrega aos médicos um fúnebre formulário para que conste no mesmo

o nome do corpo e a hora de sua inatividade, a lista para a qual servem os mortos, pura estatística, números. Os equipamentos vão sendo desligados aos poucos e os Doutores se retiram da sala. Por fim, a enfermeira recobre o corpo com um lençol branco, apaga as luzes e sai, deixando-o só.

O homem remove o lençol, ergue-se da cama e, descalço, pisa o chão frio daquele lugar. O cenário escurece-se. Ele caminha por tal escuridão e logo começa a ouvir uma bela melodia ao longe, sente-se bem, é uma valsa antiga da qual gostava e que sempre ouvia, a mesma que tocara em seu casamento. Para, pensa um pouco e desabafa para si:

HOMEM

Às vezes, surpreendo-me corrompido pela hipocrisia dos fatos, torno-me mau, completo-me de angústia, libero meu ódio e o deprimio, resisto...

Às vezes, pareço injusto, incompreensível, bastante arrogante; afogo-me em uma garrafa repleta de preconceitos e vomito sonhos intempestivos demais para estranhos ou para minha periferia mais íntima, mas sonho para poder dormir.

Às vezes, espanto-me com uma alegria profunda, independente, inexorável, absoluta... Verossímil (lamenta); penso que posso, acho que quero, entrego-me a mais um copo de esperança.

Às vezes, quando me pergunto sobre as coisas, penso em mim, unicamente em mim, esqueço o resto, faço-me silêncio, escondendo-me e vigio meu sítio, mas somente às vezes, pois imagino que - talvez ilusoriamente - alguém precise de mim, de minhas ideias, quem sabe até de meu distinto carinho; então eu venho limpo para que possa me sujar algures, venho sábio para que possa rir criança, venho forte para que possa viver em paz.

Agora, sim, sinto-me vivo como nunca.

Enquanto finaliza sua íntima conversa, abraçando-o por trás, sua amada surge vestida de noiva, linda, reluzente como outrora; ele não se surpreende, segura-lhe a mão alva, vira-se, acaricia-lhe o ventre e lhe beija a testa; ela sorri. A música se aproxima e os cerca, aproxima-os, e com um olhar de amor Ele a convida para dançar. E eles valsam.

Fim?

NOTAS

1. * Ártemis, deusa grega, ou **Diana**, como era conhecida entre os romanos, divindade responsável pelas atividades da caça, é representada como uma imagem lunar arisca e selvagem, constantemente seguida de perto por feras selvagens, especialmente por cães ou leões. Ela traz sempre consigo, no abrigo de suas mãos, um arco dourado, nos ombros um coldre de setas, e pode ser vista trajando uma túnica de tamanho curto.
2. * Na mitologia grega, Posídon, também conhecido como **Poseidon**, Possêidon ou Posidão, assumiu o estatuto de deus supremo do mar, conhecido pelos romanos como Netuno. Os símbolos associados a Posídon com mais frequência eram o tridente e o golfinho.
3. * Expressão de origem controversa . A versão mais aceita é a de que a pergunta teria surgido na década de 1930, em Minas Gerais. O então presidente Getúlio Vargas demorava muito para nomear um interventor para aquele Estado. Naturalmente, a demora gerou inquietação entre os inimigos políticos de um dos candidatos ao posto, cujo nome era Benedito Valadares, que perguntavam "**Será o Benedito?**".
4. * Na mitologia grega, o Monte **Olimpo** é a morada dos Doze Deuses do Olimpo, os principais deuses do panteão grego. Os gregos pensavam nisto como uma mansão de cristais que estes deuses habitavam. Sabe-se também, na mitologia grega, que, quando Gaia deu origem aos Titãs, eles fizeram das montanhas gregas, inclusive as do Monte Olimpo, seus tronos, pois eram tão grandes que mal cabiam na crosta terrestre.
5. * **Hades**, na mitologia grega, é o deus do Mundo Inferior e dos mortos. Equivalente ao deus romano Plutão, que significa *o rico* e que era também um dos seus epítetos gregos, seu nome era usado frequentemente para designar tanto o deus quanto o reino que governa, nos subterrâneos da Terra.

Consta também ser chamado *Serápis* (deus de obscura origem egípcia).

6. * **Mória** é um trocadilho feito com o termo Moira para aproximar-se do nome Maria. Na mitologia grega, as Moiras eram as irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos humanos. Eram três mulheres responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. As moiras faziam uso da Roda da Fortuna, que era o tear utilizado para se tecer os fios. As voltas da roda posicionam o fio do indivíduo em sua parte mais privilegiada ou em sua parte menos desejável, explicando-se assim os períodos de boa ou má sorte de todos.
7. * **Estela** é um nome próprio e, do latim, significa estrela. Faz menção no texto à Teoria do Big Bang, segundo a qual, em uma visão simplista, a origem de todos os elementos iniciais decorre de reações nucleares no interior de antigas estrelas.
8. * Utilizado também como nome próprio, o termo **Sophia**, originário do grego, designa sabedoria ou conhecimento.
9. * **Mona Lisa** (também conhecida como La Gioconda ou, em francês, La Joconde, ou ainda Mona Lisa del Giocondo), é a mais notável e conhecida obra de Leonardo da Vinci, um dos mais eminentes homens do Renascimento italiano. O quadro representa uma mulher com uma expressão introspectiva e um pouco tímida. O seu sorriso restrito é muito sedutor, mesmo que um pouco conservador.
10. * Menção com interpretação desvirtuada ao conto chinês do sábio e a da **borboleta**, através do qual um homem sonhou que era uma borboleta, voando nos campos, pousando nas flores, vivendo um belo lindo sonho; até

que um dia acordou e viveu a alimentar uma dúvida: se ele era um sábio chinês que sonhou que era uma borboleta, ou se era uma borboleta sonhando que era um sábio chinês.

11. * Na mitologia grega, **Zéfiro** é o vento do Oeste. É um dos filhos de Aurora e Astreu, sendo seus irmãos Bóreas, Nótus e Favônio. Foi casado com Íris e vivia numa caverna da Trácia. O mito do vento Zéfiro diz que este fecundava as éguas de certa região da Lusitânia tornando os cavalos dessa zona invulgarmente velozes.
12. * Segundo a Bíblia e o Alcorão, **Adão** e Eva foram o primeiro casal criado por Deus. Adão é considerado dentro da tradição judaico-cristã e islâmica como o primeiro ser humano, uma nova espécie criada diretamente por Deus. Teria sido criado a partir da terra à imagem e semelhança de Deus para domínio sobre a criação terrestre.
13. * **Afrodite** é a deusa do amor, da beleza e da sexualidade na mitologia grega. Sua equivalente romana é a deusa Vênus. Historicamente, seu culto na Grécia Antiga foi importado, ou ao menos influenciado, pelo culto de Astarte, na Fenícia. Por sua beleza, os outros deuses temiam que o ciúme pusesse um fim à paz que reinava entre eles, dando início a uma guerra; por este motivo Zeus a casou com Hefesto, que não era visto como uma ameaça. Afrodite teve diversos amantes, tanto deuses como Ares quanto mortais como Anquises.
14. * **Alétheia**, para os antigos gregos, designava verdade e realidade, simultaneamente. Nos anos 1930, Martin Heidegger retomou o termo para definir a tentativa de compreensão da verdade. Realizou uma análise etimológica do termo *a-letheia*, atribuindo-lhe a significação de «desvelamento». Portanto, para Heidegger, *alethéia* é distinta do conceito

comum de "verdade" - esta considerada como um estado descritivo objetivo.

15. **Epicuro** de Samos foi um filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. O propósito da filosofia para Epicuro era atingir a felicidade, estado caracterizado pela aponia, a ausência de dor (física) e ataraxia ou imperturbabilidade da alma. Ele buscou na natureza as balizas para o seu pensamento: o homem, a exemplo dos animais, busca afastar-se da dor e aproximar-se do prazer. Estas referências seriam as melhores maneiras de medir o que é bom ou ruim.

O título deste texto, cuja tradução do latim significa “assim é o homem” ou “eis o homem”, refere-se às palavras ditas, segundo o evangelho, por Pôncio Pilatos ao apresentar Jesus aos judeus em seu fatídico julgamento. Posteriormente, os termos também seriam massificados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche como tema de sua obra autobiográfica.

Apesar das referências às duas obras em cujos textos a expressão se faz presente, na obra que se segue, ela evoca o mister de apresentar ao leitor uma narrativa voltada para as reflexões de um homem indeciso e errante, em um mundo desconhecido, onde sua intelectualidade e seu prestígio de outrora serão reduzidos a incertezas, nada mais.

Espero que, através de diálogos rápidos, poemas diversos e caracteres cênicos, voltados essencialmente à descrição da rotineira tragédia humana, consigamos lograr êxito quanto ao objetivo maior desejado nesta ficção – o envolvimento.

